

Nas Intersecções entre Jornalismo e Política: mídia semiestabelecida e movimentos sociais na Itália*

Alice Mattoni

Professora da Scuola Normale Superiore Itália.

Resumo

A literatura sobre mídia e movimentos sociais é rica em estudos que enfocam as interações entre 1) atores dos movimentos sociais e mídia tradicional, e 2) atores dos movimentos sociais e mídia alternativa. Contudo, mídia tradicional e alternativa não são as duas únicas categorias de veículos e organizações midiáticas com os quais os atores dos movimentos sociais interagem. De fato, eles frequentemente se engajam em interações intensas e prolongadas com organizações e veículos midiáticos que não são nem convencionais nem alternativos, mas que operam abertamente nas intersecções entre jornalismo e política. À literatura sobre mídia e movimentos sociais faltam tanto estudos empíricos quanto definições conceituais sobre a “mídia semiestabelecida”, que ocupa uma posição intermediária num contínuo ideal que vai da mídia tradicional à alternativa. Com base em entrevistas em profundidade com ativistas e jornalistas envolvidos em mobilizações italianas relativas ao mundo do trabalho, este artigo busca preencher esta lacuna na literatura existente. Em especial, este artigo: 1) lista e explica os aspectos que fazem da mídia semiestabelecida distinta tanto da mídia tradicional quanto da alternativa e, em seguida, apresenta dois exemplos de mídia semiestabelecida progressista na Itália; 2) explora como a relação entre organizações de mídia semiestabelecida e atores de movimentos sociais se desenvolve no nível fundamental, considerando, respectivamente, a percepção dos ativistas e sua interação com a mídia semiestabelecida; 3) aprofunda a discussão resultante da análise, considerando a posição peculiar das organizações e veículos de mídia semiestabelecida, na intersecção entre jornalismo e política; e 4) ilustra a relevância da mídia semiestabelecida para acadêmicos interessados em desenvolver mais conhecimentos sobre os processos de mediação relacionados a atores dos movimentos sociais e por eles gerenciados.

Palavras-chave: mídia semiestabelecida; jornalismo; política.

Abstract

Literature on social movements and media is rich in studies focusing on interactions between 1) social movement actors and mainstream media and 2) social movement actors and alternative media. Mainstream and alternative media, however, are not the two only categories of media organizations and outlets with which social movement actors interact. They indeed frequently engage in intense and extended interactions with media organizations and outlets that are neither mainstream nor alternative but openly operate at the intersections of journalism and politics. Literature on social movements and media lack in both empirical studies and conceptual definitions of “semi-established media” that occupy an intermediated position in an ideal continuum going from mainstream to alternative media. Based on in-depth interviews with activists and journalists involved in Italian mobilizations related to the labour realm, this article seeks to fill this gap in existing literature. In particular, the article 1) lists and explains the aspects that render semi-established media dissimilar to both mainstream and alternative media and then introduces two examples of progressive semi-established media in Italy, 2) explores how the relationship between semi-established media organizations and social movement actors develops on the ground level considering activists’ perception of and activists’ interaction with semi-established media respectively, 3) further discusses the results of the analysis considering the peculiar position of semi-established media organizations and outlets, which are at the intersection of journalism and politics, and 4) illustrates the relevance of semi-established media for scholars interested in developing further knowledge about mediation processes related to and managed by social movement actors.

Keywords: semi-established media; journalism; politics.

* Gostaria de agradecer a Kathleen Blee, Alberta Giorgi e Suzanne Staggenborg por seus comentários na versão prévia deste artigo. Agradeço, também, a William Gamson, Charlotte Ryan e aos outros colegas do Movimento/Media Research Action Protest que me permitiram apresentar uma versão anterior deste artigo em uma de suas sessões de seminário semanais, durante a qual me ofereceram comentários generosos e valiosos.

1. INTRODUÇÃO

Os atores dos movimentos sociais interagem com diversos veículos e organizações midiáticas. Eles buscam a atenção da mídia tradicional e corporativa de massa que, por sua vez, tem um impacto na dinâmica interna dos movimentos sociais em relação a padrões organizacionais, formas de protesto e quadros de ação coletiva (Rucht, 2010; Gamson; Wolfsfeld, 1993; Gitlin, 1980; Molotch, 1979). Também se envolvem na criação de mídias alternativas, independentes, radicais e autônomas, que permitem aos atores dos movimentos sociais elaborar e circular sistemas alternativos de significados sobre questões controversas e, ao fazê-lo, representar desafios ao poder da mídia tradicional (Couldry; Curran, 2003; Atton, 2002; Downing, 1984) e empoderar os cidadãos (Rodriguez, 2001). Enquanto a mídia tradicional está fora do meio dos movimentos sociais, muitas vezes canais alternativos, radicais e autônomos se posicionam dentro de tal meio.

Contudo, mídia tradicional e alternativa não são as duas únicas categorias de veículos e organizações midiáticas com que os atores dos movimentos sociais interagem. Especialmente em países caracterizados por um elevado paralelismo entre a mídia e o sistema político, como os países do Sul Europeu (Hallin; Mancini, 2004), atores do movimento político se engajam frequentemente em interações extensas e prolongadas com organizações e veículos midiáticos que não são nem alternativos nem convencionais, mas que operam abertamente na intersecção entre o jornalismo e a política. Esta categoria de veículos e organizações midiáticas não é nenhuma novidade. Enfocando o espectro progressista do meio político, por exemplo, há a “mídia leninista”, enraizada em partidos revolucionários do século passado (Downing, 1984); a “imprensa da classe trabalhadora”, incorporada em organizações desenvolvidas dentro de movimentos de trabalhadores, como os sindicatos (Grace, 1985; Sparks, 1985); e a “segunda mídia”, economicamente apoiada por “partidos socialistas, comunistas e/ou de esquerda”, em oposição à alternativa “terceira mídia” e à dominante “primeira mídia” (Dagron, 2004, p. 45).

A literatura sobre mídia e movimentos sociais apresenta duas lacunas nos que diz respeito a essas organizações e veículos de mídia em específico, aqui denominadas mídias semiestabelecidas. Em primeiro lugar, com poucas exceções, falha em reconhecer a existência empírica e em elaborar uma definição conceitual de organizações e veículos midiáticos que estão em uma posição intermediária no contínuo ideal que vai da mídia tradicional à alternativa. Em segundo lugar, a literatura especializada dedica pouca atenção a como os atores dos movimentos sociais interagem com esta categoria de organizações e veículos midiáticos, a despeito do papel relevante que elas podem desempenhar no que se refere às dimensões simbólicas dos processos dos movimentos sociais, como o desenvolvimento de identidades coletivas e a construção de discursos críticos sobre questões contenciosas específicas. Partindo de uma pesquisa exploratória de cinco mobilizações relacionadas ao campo trabalhista, este artigo visa preencher estas lacunas na literatura existente.

Este artigo se desenvolve como explicitado a seguir. A primeira seção lida com algumas observações metodológicas e apresenta os cinco casos em que se baseia a análise. A segunda seção lista e explica os aspectos que tornam a mídia semiestabelecida distinta tanto da mídia tradicional quanto da alternativa e, em seguida, apresenta dois exemplos de mídia semiestabelecida progressista na Itália. A terceira e quarta seções exploram como a relação entre organizações e veículos de mídia semiestabelecida e atores de movimentos sociais se desenvolve no nível fundamental, considerando a percepção dos ativistas e suas interações com a mídia semiestabelecida, respectivamente. A quinta seção discute os resultados da análise, considerando a posição peculiar das organizações e veículos de mídia semiestabelecida, que estão na intersecção do jornalismo com a política. A seção “conclusões” resume as principais descobertas e ilustra a relevância da mídia semiestabelecida para estudiosos interessados em desenvolver mais conhecimento sobre os processos de mediação relacionados a atores dos movimentos sociais e por eles gerenciados.

2. MÉTODOS E ESTUDOS DE CASO

A categoria de mídia semiestabelecida emergiu como relevante em um projeto de pesquisa sobre práticas da mídia ativista nos grupos de movimento social de base italiana relacionados a questões trabalhistas. A investigação foi baseada em uma abordagem comparativa de estudo de caso (George; Bennett, 2005; Snow; Trom, 2002) que incluiu cinco mobilizações contra a marginalização e insegurança dos trabalhadores temporários, também chamados de “trabalhadores precarizados”, na Itália, de 2001 a 2006: a parada transnacional contra a precariedade, chamada *Euro Mayday Parade*, que tem ocorrido em Milão todo 1º de maio desde 2001; duas ações diretas chamadas *Reddito Per Tutt*, uma em um shopping e a outra em uma livraria, que ocorreram em Roma antes e durante a manifestação nacional organizada por sindicatos radicais no dia 6 de novembro de 2004; o falso desfile de moda em *Serpica Naro*, organizado por um grupo de ativistas e trabalhadores precarizados que conseguiram se infiltrar na semana de moda em Milão em fevereiro de 2005; a mobilização contra a reforma no ensino superior público e, em particular, a manifestação nacional em Roma, organizada por estudantes universitários e pesquisadores precarizados no dia 25 de outubro de 2005; e greves, piquetes e outras formas de protestos realizadas por um pequeno grupo de trabalhadores precarizados em um dos maiores *call centers* na Europa, o Atesia, em 2005.

Para analisar as práticas de mídia, adotei a “teoria fundamentada construtivista” como método de pesquisa, segundo a qual o ponto de vista e as vozes dos participantes são cruciais para a construção de novas categorias de dados (Charmaz, 2008; Charmaz, 2000) e que atribui à codificação uma posição central no processo analítico (Charmaz, 2007; Glaser e Strauss, 1967; Glaser e Strauss, 1965), a fim de valorizar o conhecimento dos atores sociais em relação a “conceitos sensibilizadores” específicos (Blumer, 1954), ainda subexplorados na literatura, como a categoria de mídia semiestabelecida.

Entrevistei trinta e quatro ativistas, selecionados por sua participação na organização de pelo menos

uma das mobilizações investigadas.¹ Escolhi os entrevistados de acordo com um tipo específico de amostragem (Patton, 1990), o *snowball* (Weiss, 1994; Blaikie, 2000), a fim de entrevistar uma gama diversificada de ativistas envolvidos nas cinco mobilizações. A amostra de entrevistados resultante abrange uma ampla gama de grupos ativistas e fornece um retrato experimental daqueles que organizam protestos contra a precariedade.² Completei a amostra, de entrevistas de ativistas envolvidos no ciclo de protestos contra a precariedade, com quatro entrevistas semiestruturadas com jornalistas que cobriram as cinco mobilizações já mencionadas e eram empregados por dois veículos semiestabelecidos na época dos protestos dos trabalhadores precarizados: *il manifesto* e *Liberazione*. Cada entrevista semiestruturada durou de quarenta e cinco minutos a duas horas. Então, usei as transcrições destas entrevistas para explorar mais profundamente o conceito sensibilizador de mídia semiestabelecida no que diz respeito aos processos do movimento social. A análise dos dados foi desenvolvida através do software *Atlas.ti* para Análise de Dados Quantitativos Assistida por Computador (CAQDA), uma ferramenta que se mostrou poderosa em analisar este conjunto de dados de acordo com a teoria fundamentada de estratégia de pesquisa (Muhr; Friese, 2004).

3. MÍDIA SEMIESTABELECIDIA, UMA DEFINIÇÃO PRELIMINAR.

Tratei a categoria de mídia semiestabelecida como um conceito sensibilizador a ser mais explorado durante o trabalho de campo e a análise subsequente. Os significados da mídia semiestabelecida, de fato, variam consideravelmente no tempo e no espaço. Ademais, os suportes tecnológicos através dos quais a mídia semiestabelecida é criada e depois distribuída são diversos e vão desde a mídia impressa

1_ Os ativistas que entrevistei, portanto, reproduziram o ponto de vista destes grupos ativistas que participaram mais ativamente da organização das mobilizações. Por esta razão, os resultados apresentados nessa tese lidam principalmente com o ponto de vista específico de minorias específicas de ativistas dentro de movimentos sociais, e não o ponto de vista mais geral dos participantes de protesto menos comprometidos.

2_ Vinte e dois dos entrevistados eram homens, e nove eram mulheres. Informações detalhadas sobre características sociodemográficas estão disponíveis sob encomenda.

até sites online. Por tais razões, instâncias específicas de organizações e veículos de mídia semiestabelecida de fato existem, mas não é possível destacar uma definição geral e universal desta categoria. As mídias semiestabelecidas, contudo, compartilham alguns traços básicos em comum. Assim como na mídia em geral (Gamson; Wolfsfeld 1993), organizações e jornalistas da mídia semiestabelecida tem uma cultura própria que os diferem não apenas de organizações e jornalistas da mídia tradicional, mas também dos praticantes da mídia alternativa. Quatro dimensões, em particular, diferenciam as organizações midiáticas semiestabelecidas, que ocupam posições distintas num ideal contínuo que vá de mídia tradicional a alternativa (figura 1).

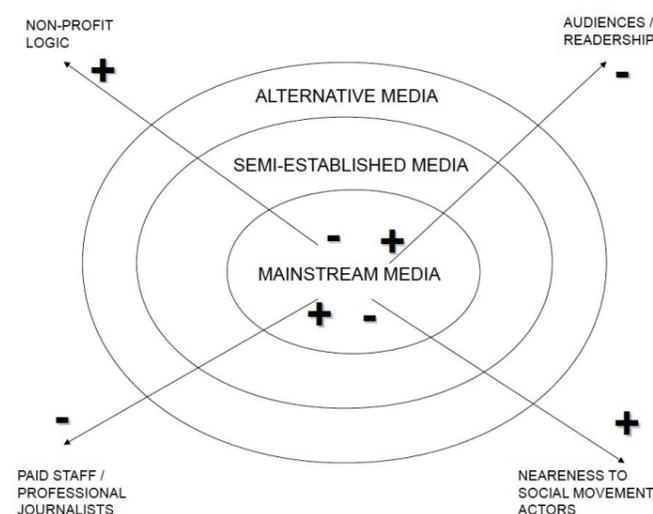


Figura 1_ Mídia tradicional, semiestabelecida e alternativa.

A primeira dimensão está ligada à posição que as organizações midiáticas têm no mercado de mídia. Tanto sendo inteiramente comercial quanto sendo uma posse do Estado, a mídia tradicional é geralmente orientada ao lucro, enquanto que os meios de comunicação alternativos tendem a ser sem fins lucrativos e externos à lógica de mercado (Atton, 2007). A mídia semiestabelecida tem uma posição intermediária, pois depende parcialmente do mercado de mídia para sustentar o negócio, mas podem também ser apoiadas economicamente por fundos públicos ou partidários. Sem serem organizações de mídia corporativa no sentido estrito, a mídia semiestabelecida é normalmente um canal de mídia lucrativo. A segunda dimensão está relacionada aos indi-

víduos que trabalham em organizações midiáticas, tanto como funcionários pagos quanto numa base voluntária. A mídia tradicional depende fortemente de jornalistas profissionais e outros profissionais de mídia, como fotógrafos. Por outro lado, praticantes da mídia alternativa com frequência não pertencem à categoria de jornalistas treinados e falam de uma posição de quem é parte de comunidades específicas de cidadãos. A mídia semiestabelecida pode empregar funcionários pagos e jornalistas profissionais, mas frequentemente depende do trabalho voluntário de jornalistas não-profissionais. A terceira dimensão está ligada aos leitores dos meios de comunicação. Embora nem sempre, e dependendo do nível territorial em que está inserida, a mídia tradicional normalmente tem audiências significativas, sendo o meio de comunicação de massa por excelência. Uma das características da mídia alternativa, ao invés disso, é o fato de que eles têm audiências menores do que a mídia tradicional (Dagron, 2004). A mídia semiestabelecida, novamente, ocupa uma posição intermediária entre a mídia tradicional e a alternativa: geralmente tem uma circulação relativamente mais ampla do que a mídia alternativa, mas não é capaz de alcançar o público de massa como a mídia tradicional. A quarta dimensão diz respeito à posição das organizações midiáticas em relação à arena política. Enquanto a mídia tradicional muitas vezes se apresenta como politicamente independente a jornalisticamente objetiva, a mídia alternativa comumente está enraizada na esfera política, já que representa as vozes negligenciadas de atores políticos, sociais e culturais que são excluídos da grande mídia (Rodriguez, 2001). Representando e sustentando as subjetividades políticas marginais, a mídia alternativa é, de fato, inerentemente política, e frequentemente interna ao meio dos movimentos sociais (Dagron, 2004). A mídia semiestabelecida também assume um ponto de vista explicitamente político, mas geralmente está situada à margem, quando não fora, do meio dos movimentos sociais: pode mostrar certo grau de simpatia para com os atores dos movimentos sociais (Brinson, 2006), mas é, até certo ponto, independente destes atores. Sendo abertamente orientada politicamente, a mídia semiestabelecida ocupa uma posição específica na intersecção do jornalismo com a política, e tem um papel estratégico na estrutura

de oportunidade discursiva (Ferree et al., 2002), na qual têm o potencial de apoiar e difundir sistemas alternativos de significados, elaborados nos meios de movimentos sociais, para o público mais amplo que já tem orientação política.

Na Itália, as organizações e veículos jornalísticos pertencem a um sistema de mídia que é caracterizado por um grau elevado de paralelismo entre o sistema midiático e o sistema partidário (Hallin; Mancini, 2004). Portanto, a influência da esfera política sobre a jornalística é geralmente forte, mas há uma diferença, em termos de número de leitores e orientação ideológica, entre mídias jornalísticas generalistas, comercialmente orientadas e visando atingir um público amplo, e organizações de mídia jornalística que declaram abertamente seu partidário em favor de orientações políticas específicas e, por conseguinte, visam atingir públicos específicos. Entre os últimos, a mídia semiestabelecida progressista, em particular, aplica um quadro geral (radical) de esquerda às notícias que propõe ao público. Durante o trabalho de campo e a análise subsequente, ativistas frequentemente se referiram aos dois jornais semiestabelecidos progressistas que estavam ativos no momento das mobilizações de trabalhadores precarizados que eu investigava: o *il manifesto* e o *Liberazione*.

O primeiro foi fundado em 1969 por um grupo de intelectuais, pertencentes ao grupo mais à esquerda do Partido Comunista Italiano (PCI) e expulsos do partido. Foi publicado primeiramente como um jornal semanal e, em 1971, se tornou um jornal nacional diário. Durante a década de 1970, o *il manifesto* foi incorporado à rede de grupos de esquerda radicais que floresciam naquele momento, os chamados grupos esquerdistas extraparlamentares (Gozzini, 2000). Desde o início o jornal foi, e na verdade ainda é, uma cooperativa independente de jornalistas, com nenhuma afiliação política direta. De maneira similar a outras mídias, foi considerado interno aos movimentos sociais. Com efeito, em conjunto com outros jornais como o *Lotta Continua* e o *Il Quotidiano dei Lavoratori*, ele foi considerado um exemplo emblemático de informação alternativa para o período (Eco; Violi, 1976). Com destinos distintos, o *il manifesto* é publicado ainda hoje, e continua a ser

um ponto de referência para todos os atores políticos, institucionais ou não, que se reconhecem como esquerda radical. O outro jornal frequentemente mencionado por ativistas durante as entrevistas foi o *Liberazione*. Embora o jornal tenha deixado de ser publicado em 2014, na época do trabalho de campo ele era uma publicação diretamente filiada ao Partido da Refundação Comunista (PRC), um dos partidos de esquerda radical nascido após o último congresso nacional do PCI em 1991, quando seu nome foi mudado para Partido Democrático da Sinistra (PDS) e um grupo de cerca de 90 membros decidiu fundar um partido político diferente, mais abertamente vinculado à tradição comunista. Em outubro do mesmo ano, o PRC publicou o primeiro número do *Liberazione*, um jornal semanal, que se tornou um jornal nacional diário em 1995. Estritamente falando, o *Liberazione* poderia ser incluído na categoria de imprensa partidária (Downing, 2001), uma vez que expressava as posições e análises do PRC. Contudo, imediatamente após a famosa batalha de Seattle em 1999 e o começo dos protestos transnacionais contra a globalização corporativa, este partido político se abriu estrategicamente a movimentos sociais de esquerda e radicais em geral, e em particular ao movimento por justiça global. Por consequência, o *Liberazione* seguia o mesmo padrão, e apoiou protestos contra a cúpula do G8 em Gênova, em julho de 2001, bem como outros protestos organizados por movimentos de justiça global. Em fases alternadas, estes jornais nacionais se aproximaram das lutas dos movimentos sociais, e tinham ligações diretas e indiretas com os protestos dos trabalhadores precarizados que ocorreram de 2001 a 2006 na Itália.

Porém, por razões distintas, estes veículos não podem ser considerados mídia alternativa em sentido estrito. O primeiro nasceu como uma forma de mídia alternativa, mas atualmente sua posição no ambiente midiático mudou: isto ocorreu principalmente devido a ascensão de novos tipos de mídia alternativa, mais incorporadas aos movimentos sociais contemporâneos do que o *il manifesto*, e diretamente geridas pelos grupos de movimento social de base. O último foi financiado e controlado por um partido político, o PCR, que tem ligações com grupos de ativistas de base, bem como com o campo

da política institucional e representativa. O restante do artigo elabora mais profundamente sobre a mídia semiestabelecida progressista, centrando-se sobre as percepções e interações de ativistas com esta categoria de organizações e veículos midiáticos.

4. ALIADOS CONTROVERSOS: A PERCEPÇÃO DOS ATIVISTAS SOBRE A MÍDIA SEMIESTABELECIDADA.

Os ativistas envolvidos em manifestações desenvolvem um entendimento específico do ambiente midiático ao seu redor. Por meio de experiências diretas e indiretas com organizações midiáticas, veículos de mídia e profissionais deste meio, os ativistas elaboram “teorias leigas” sobre como a mídia tradicional trabalha (McCurdy, 2011), mas também sobre outras categorias de organizações e veículos midiáticos. Na Itália, por exemplo, os ativistas percebem a mídia semiestabelecida como uma aliada controversa.

A mídia semiestabelecida foi considerada aliada porque, antes das mobilizações, garantiu certa quantidade de cobertura positiva que contribuiu para lançar os protestos, falando sobre eles antes que acontecessem. Enquanto a mídia tradicional normalmente promove um quadro inferencial que antecipa a violência durante as manifestações (Halloran; Elliott; Murdock, 1970), a mídia semiestabelecida ajuda os ativistas a prepararem o terreno para a mobilização. Matteo³, por exemplo, explicou como o *il manifesto* promoveu a Euro Mayday Parade em 2004:

“Com certeza, no que se refere ao Mayday, o ‘il manifesto’ dedicou bastante espaço à manifestação, em comparação com outros jornais. Mesmo no que diz respeito ao lançamento, não só em relação aos relatos jornalísticos. Obviamente, me lembro especialmente de como falaram de nosso caminho, nossa mobilização na parada. Conseguimos obter bastante espaço. Até mesmo a foto do nosso caminho foi publicada, daquele com os piratas tomando de assalto a ilha do conhecimento”.

Ao dar visibilidade às mobilizações, a mídia semiestabelecida constituiu um importante canal

³ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios, por razões de privacidade.

para a representatividade de atores dos movimentos sociais no ambiente midiático (Ferree et al., 2002), uma vez que estes são representados como atores políticos legítimos, participantes da construção de discussão pública sobre questões polêmicas específicas. Durante os protestos contra *Ddl Moratti*, por exemplo, os grupos de ativistas que promoviam a manifestação nacional não estavam sozinhos em sua oposição à reforma educacional. O CRUI, o comitê nacional de reitores de todas as universidades italianas, também se tinha pronunciado contra a DDL proposta pela Ministra da Educação, Letizia Moratti. Segundo ativistas, este ator institucional, cujo quadro de reforma era drasticamente diferente daquele dos estudantes universitários, doutorandos e pesquisadores precarizados, contava com uma extensa cobertura da mídia tradicional para seus protestos formais e convencionais. Mirella lembra que este não foi o caso entre as mídias semiestabelecidas:

“[eles] prestaram mais atenção às razões dos pesquisadores precarizados e dedicaram menos espaço ao CRUI. Era uma espécie de tentativa de realizar uma investigação mais aprofundada sobre as condições dos pesquisadores precarizados, sobre as gerações mais jovens, geralmente precárias, dentro das universidades. Isto foi maciçamente ignorado até aquele momento, até mesmo por aqueles meios de comunicação mais atentos a estas questões”.

As mídias semiestabelecidas foram aliadas por terem privilegiado o ponto de vista da base das mobilizações e, também, porque enriqueceram o contexto em que estavam inseridas e completaram as narrativas sobre os protestos, que eram frequentemente incompletas ou inexistentes nos textos da mídia tradicional. Os ativistas também apontaram a possibilidade de estabelecer contatos mais diretos com os jornalistas da mídia semiestabelecida do que com os da mídia tradicional. Giuseppe explicou o que isso significava:

“Com jornais como o *il manifesto* ou o *Liberazione*, que são a imprensa amigável, há uma relação mais íntima, direta, no mesmo. Então, eu podia, tanto quanto todo mundo, dizer para eles: precisamos de mais espaço para isso agora, tal coisa deve ser dita porque vai ajudar. E encontramos certa atenção em relação ao sucesso da mobilização e à mensagem que queríamos transmitir”.

Nesse caso, acesso direto implica que grupos ativistas podem ter interações face a face com jornalistas que trabalham na mídia semiestabelecida, aqui definida como “imprensa amigável”, uma vez que ativistas e jornalistas tem relações mais “íntimas” do que aquelas estabelecidas com jornalistas da mídia tradicional. Em geral, os ativistas desenvolveram uma percepção positiva da mídia semiestabelecida: ela apoiou ativamente as mobilizações, relatando sobre elas antes que acontecessem e reforçando os discursos relacionados a protestos. Ela era, além disso, mais aberta do que a mídia tradicional, uma vez que os ativistas foram capazes de ganhar acesso direto aos meios de comunicação semiestabelecidos por meio de interações face a face com os jornalistas.

A construção da mídia semiestabelecida como aliada durante as manifestações, contudo, foi apenas um lado da história. Alguns ativistas, de fato, também acharam sua relação com a mídia semiestabelecida particularmente difícil. Os exemplos mais emblemáticos são os ativistas envolvidos nas greves da *Precari Atesia*, que tinham opiniões muito negativas sobre a mídia semiestabelecida e, em particular, sobre o *il manifesto*. Eles salientaram os vínculos políticos da mídia semiestabelecida, que dificultava para certos grupos ativistas o recebimento de atenção midiática. O coletivo *Precari Atesia* culpou o tradicional sindicato CGIL, cujos delegados eram também politicamente ativos no *call center*, pelas más condições de trabalho dos operadores trabalhando no *Atesia*. De acordo com Sergio e Lorenzo, isso influenciou a cobertura da mídia semiestabelecida, que retratava o coletivo de forma bastante negativa:

“[Sergio] tem alguns jornalistas que... fizemos uma coisa eles disseram outra. Eles concordaram com os outros, os sindicatos [...] [Lorenzo] *il manifesto* é um tanto peculiar, está numa situação muito estranha. Não é um jornal com um diretor que decide, não há uma linha, não há um dono que decide o que deve ser publicado ou não. Em teoria, aqueles que trabalham lá deveriam ser camaradas, mas [aquele jornalista em específico] não só não é um camarada, como também não tem qualquer camaradagem (eles riem)”.

Os ativistas tinham uma percepção clara das alianças políticas do canal de mídia semiestabelecida em questão, culpado por favorecer os sindicatos

tradicionais, ignorando as lutas do coletivo *Precari Atesia*. Por um veio similar, tratando da manifestação contra o *Ddl Moratti*, alguns ativistas foram da opinião que a mídia semiestabelecida enfatizou exageradamente a presença de certos atores políticos na organização do protesto, ofuscando alguns outros, Antonio, por exemplo:

“*il manifesto* não falava sobre isso [a mobilização contra o *Ddl Moratti*] e, quando o fez, usou como filtro as presumidas organizações sindicais estudantis, que não existem na Itália, exceto algumas como o Udu. Mas em Roma o Udu é formado por cinco pessoas e não tem seguidores de verdade. Na verdade, eles nunca chamaram uma manifestação. [...] o *Liberazione* falou sobre [a mobilização contra o *Ddl Moratti*], dizendo que a juventude do partido estava envolvida, como é normal para um órgão de um partido político”⁴

Os ativistas explicaram a qualidade da cobertura de mídia apontando para a existência de conexões dos veículos e jornalistas de mídia semiestabelecida com outros atores políticos, como os sindicatos e partidos. Mas mesmo quando os ativistas tinham relações relativamente boas com jornalistas da mídia semiestabelecida, eles podiam encontrar dificuldades em receber uma cobertura midiática. Isso aconteceu, por exemplo, no caso de desfile de moda *Serpica Naro*. Alguns jornalistas empregados na mídia semiestabelecida tinham um papel importante na rede de relações que sustentavam o evento de protesto. De fato, antes de sua ocorrência, veículos de mídia semiestabelecida reportaram os protestos contra os estilistas durante a semana de moda de Milão, e anunciaram a proximidade de protestos contra *Serpica Naro* também. Apesar de os primeiros protestos, mirando as duas marcas de moda Laura Biagiotti e Prada, serem genuínos, eles serviram principalmente para atrair jornalistas ao desfile do *Serpica Naro*, já que os grupos ativistas anunciaram que aquele seria seu próximo alvo de protesto. A despeito do apoio da mídia semiestabelecida em espalhar a notícia a nível local, Michele reclama que:

“quando organizamos o *Serpica Naro*, o *il manifesto* não publicou nada. No dia anterior haviam artigos publicados pelo *‘Corriere’*, *‘Il Giornale’*, por

4_ UDU é a sigla para *Unione Degli Universitari* [União dos Universitários], e é uma associação estudantil universitária.

todo mundo. O *il manifesto* teve o artigo antecipadamente, sabia de tudo com antecedência, porque fomos falar com eles na redação antes de tudo. E eles não publicaram nada. Tivemos que brigar por uma semana para ter um artigo publicado”⁵

No caso do desfile de moda da *Serpica Naro*, um grupo ligado a movimento social colaborou com os jornalistas da mídia semiestabelecida e escreveu um artigo antes dos eventos ocorrerem. Mas os ativistas tiveram que “brigar” para assegurar um artigo sobre o protesto a nível nacional. Isso provavelmente ocorreu devido as diferentes redes de relações estabelecidas em níveis territoriais distintos: elas parecem ser mais firmes e ter menos problemas no nível local, mas mais dispersas e problemáticas a nível nacional. Em geral, no entanto, Michele contou esta experiência como um exemplo emblemático das dificuldades que grupos de ativistas encontram quanto tentam receber cobertura da mídia semiestabelecida. Alinhado a isso, em alguns casos os ativistas disseram ser menos demorado e mais eficiente construir relacionamentos com alguns jornalistas da mídia tradicional do que tentar assegurar a cobertura da mídia semiestabelecida. Em alguns casos, destarte, os ativistas tiveram uma percepção bastante negativa da mídia semiestabelecida. Embora simpática em princípio, ela não apoiou e/ou cobriu algumas mobilizações, por causa de suas ligações políticas com outros atores políticos.

Limites difusos entre jornalismo e política: interações dos ativistas com a mídia semiestabelecida

A seção anterior mostrou que os ativistas consideraram a mídia semiestabelecida como um aliado controverso. Quando se observam as interações entre os ativistas envolvidos nas mobilizações contra a precarização e os jornalistas empregados pela mídia semiestabelecida, no entanto, parece haver uma tendência no sentido de colaboração ao invés de antagonismo entre os dois atores. Interações colaborativas entre jornalistas e ativistas ocorreram na intersecção do jornalismo com a política, cujos limites se tornaram extremamente difusos. Isso se deveu à troca temporária de papéis entre ativistas e jorna-

5_ *Il Giornale* é um jornal nacional de direita, fundado em 1974 pelo jornalista Indro Montanelli. No momento do trabalho de campo, o dono do jornal era Paolo Berlusconi, irmão do primeiro-ministro italiano a época, o empresário e magnata da mídia Silvio Berlusconi.

listas, resultando em autorreflexões mútuas sobre as identidades da profissão jornalística e do ativismo.

Primeiramente, os jornalistas empregados na mídia semiestabelecida também participaram das atividades dos grupos de movimento social em algum momento e, algumas vezes, estiveram diretamente envolvidos nas mobilizações, de acordo com os ativistas. Mirella explicou esta troca de papéis quando falava sobre os estágios preparatórios de muitos protestos contra a precariedade em geral, e da Euro Mayday Parade em especial:

“Estes meios de comunicação também estavam próximos de nós durante as passagens organizacionais, então às vezes eles relatavam as assembleias nacionais que ocorreram. Então, ao invés de observadores externos, às vezes alguns deles eram indivíduos que fizeram parte da construção de mobilizações, especialmente no caso do Mayday. [...] Então eu os considereei, ao invés de sujeitos de informação, como sujeitos que participaram na construção de mobilizações”.

Alguns jornalistas empregados na mídia semiestabelecida na verdade estavam envolvidos nas reflexões políticas sobre a precariedade, assim como na construção do protesto relacionado a essa questão controversa. Os ativistas tenderam a considerá-los pessoas diretamente engajadas na luta contra a precarização, ao invés de simplesmente jornalistas.

Tomar parte nas reuniões preparatórias a um protesto foi importante também para os jornalistas, que consideraram sua participação tanto como parte de seus deveres profissionais quanto de seus interesses políticos. Um exemplo foi a ocupação da Universidade *La Sapienza*, que precedeu a manifestação nacional contra o *Ddl Moratti*. Como explicaram os ativistas envolvidos, o período de três semanas da ocupação foi importante para organizar a manifestação e aumentar o potencial de mobilização dos grupos que a organizavam, que não eram abertamente apoiados por nenhum ator político institucional, com exceção de alguns coletivos estudantis universitários ligados à Organização da Juventude Comunista.⁶ A ocupação também ajudou

6_ *Giovani Comunisti* era a organização juvenil do PCR (Partido da Refundação Comunista). A organização foi fundada em 1994, um ano após o nascimento do PCR.

os jornalistas a entrar em contato com a mobilização e compreender sua natureza. Embora eles não devessem escrever artigos sobre a ocupação, eles iam frequentemente à Universidade *La Sapienza*, especialmente durante a noite, a fim de compreender o que estava acontecendo ali, como explicado pela jornalista Nadia:

“Fizemos isso, acima de tudo, para ter uma percepção clara. Na verdade, porque alguém tenta ser um observador externo, ser um jornalista e possivelmente ter ideias claras sobre a dinâmica de confrontos entre grupos, sobre quem pensa de certa maneira e quem pensa o contrário. [...] os confrontos sempre acontecem, obviamente, então alguém tenta ir até lá e observar, mesmo quando ele ou ela não tem nada para escrever sobre isso. Então, simplesmente para ter uma ideia sobre a dinâmica em curso e, depois, normalmente o artigo é sobre a manifestação, ou com entrevistas”.

86 Ativistas e jornalistas deram significados diferentes à participação nos estágios preparatórios dos protestos, como no caso da ocupação da Universidade *La Sapienza*. Além de qualquer interesse real nas mobilizações, os jornalistas empregados na mídia semiestabelecida consideravam-se acima de tudo como jornalistas e, algumas vezes, como ativistas. Eles se referiram em primeiro lugar à sua cultura operacional e depois, algumas vezes, às culturas políticas de grupos ativistas mobilizados contra a precariedade. Assim, o jornalista Piero considerava-se um “observador externo” que queria entender o mais claramente possível o que estava acontecendo no meio do movimento social. Isso porque o objetivo final do jornalista era escrever artigos que levassem em conta o protesto em sua totalidade, ao invés de ter apenas o ponto de vista de qualquer grupo do movimento social em específico. A este respeito, uma percepção abrangente da dinâmica intramovimento, que frequentemente levava a confrontos entre grupos ativistas, era um passo preliminar necessário para ser capaz de destacar pessoas a entrevistar, bem como para descrever fielmente a manifestação. Enquanto os ativistas por vezes consideraram os jornalistas como entes envolvidos na organização de protestos, estes, por sua vez, tenderam a continuar se considerando jornalistas, com antecedentes na esquerda radical, tentando cumprir as exigências de sua cultura pro-

fissional. Isso ficou evidente em outra entrevista, com o jornalista Franco, que salientou a importância em manter os dois papéis, de jornalista e de ativista, tão separados quanto possível quando falando das mobilizações.

Em segundo lugar, os ativistas envolvidos em mobilizações contra a precariedade tiveram em algum momento um papel ativo na escrita de textos da mídia semiestabelecida. Nesse caso, ativistas assumiram temporariamente o papel de jornalistas e isto, por sua vez, ativou momentos de autorreflexão sobre as atividades do movimento social, para os ativistas, e o processo de fabricação de notícias, para jornalistas. Por exemplo, durante as manifestações contra o *Ddl Moratti*, alguns dos ativistas envolvidos tiveram um papel duplo, como explicado por Nadia:

“Temos diversos pesquisadores que são ativistas e também colaboradores no nosso jornal. Então foi também um período em que eles estavam frequentemente aqui [na redação], assim podíamos falar com eles porque [...] durante a tarde eles vinham, propunham artigos, nós os discutíamos”.

O fato de os ativistas envolvidos em mobilizações contra o *Ddl Moratti* serem tanto colaboradores de jornais como pesquisadores universitários facilitou uma troca fecunda e uma sobreposição entre dois espaços geralmente separados: o espaço da informação, ou seja, redações da mídia semiestabelecida, e o espaço do confronto, que seria a ocupação da Universidade *La Sapienza*, um dos mais importantes centros desta luta. Por um veio similar, aquela mídia semiestabelecida ligada a partidos na extrema direita frequentemente pedia contribuições de ativistas participando em mobilizações contra a precariedade e de membros de seus partidos políticos, como explicado por Mirella ao tratar da Euro Mayday Parade:

“No que se refere ao Euro Mayday, os contatos que eu tinha com a mídia eram com a mídia mais politizada. Podia acontecer de o *Liberazione*, o jornal do Refundação, pedirem um artigo ou uma entrevista sobre o Mayday. Porque eu vivia aqui em Milão, então para mim era mais fácil seguir todas as etapas organizacionais do Mayday Parade.

Por vezes, mesmo os ativistas que não colaboraram com a mídia semiestabelecida em uma base

regular estavam envolvidos na construção de textos midiáticos relacionados às mobilizações contra a precariedade. Por exemplo, vários meios de comunicação semiestabelecidos solicitaram textos de Maya sobre a Euro Mayday Parade em 2004:

“Eles pediram artigos sobre a organização do Mayday e não sobre teorias, porque para teoria cada um tinha seu próprio jornalista [...] Foi uma experiência peculiar, porque eu não estava acostumado a escrever para jornais, e antes do Mayday eu estava lá me perguntando ‘o que é o Mayday?’ O que eu normalmente faço quando acordo de manhã é ir para as ruas, e ver o que eu tenho que fazer, quais são as relações que me rodeiam. Foi muito engraçado como uma passagem analítica”.

Como Maya diz, escrever textos para a mídia semiestabelecida poderia também dar a oportunidade de refletir nos protestos organizados por ativistas, bem como para entender o processo de fabricação das notícias de um ponto de vista mais interno. Os ativistas, em consequência, já não eram mais mero público ativo da mídia semiestabelecida, que eles poderiam criticar (ou não) do lado de fora. Em vez disso, eles assumiram temporariamente o papel de produtores da mídia semiestabelecida, ou pelo menos de colaboradores. Por um tempo, se tornaram parte dela, e refletiram sobre seus papéis como ativistas de uma perspectiva diferente. Intercâmbios e padrões de colaboração entre ativistas e jornalistas podem também levar jornalistas a momentos de reflexão. As duas ações diretas do *Reddito per Tutti* fornecem um bom exemplo disso. A mídia tradicional retratou imediatamente estes protestos como extremamente radicais e violentos, e os comparou ao ciclo de protestos anterior, do final dos anos 1970, o chamado movimento de 77. Esta cobertura midiática distorcida das duas ações diretas foi proposta também em vários sites informativos convencionais. O contexto discursivo foi, desde o início, hostil aos ativistas que organizaram e participaram das ações diretas. Nos dias imediatamente seguintes a elas, uma jornalista semiestabelecida de Roma encontrou alguns ativistas que estavam muito desapontados com a maneira que a mídia tradicional retratara os protestos. O jornalista Piero me contou o que aconteceu durante aquela reunião na redação:

“Eles vieram à minha sala e começamos a falar. Eu disse: olha, essa noite eu vou dizer isto e aquilo. E eles me disseram: bem, então vamos escrever isso juntos. Tenho que dizer que [o artigo] foi publicado com a minha assinatura, já que eu escrevi algumas coisas com que eles não concordavam. Mas foi uma ótima experiência, porque eu estava escrevendo e eles estavam atrás de mim [...] e comentavam. Eles diziam: ‘na minha opinião você está errado em fazer isso, e tal coisa, e assim por diante. E aquele foi um texto que, como eu posso dizer, levei muito tempo para escrever. E depois houve esse elemento maravilhoso de respeito por parte deles. Eles disseram sobre o que eu escrevi: ‘Você pensa assim e nós não concordamos completamente com você, mas achamos que isso também é coisa nossa, isso corresponde aos sentimentos que muitos de nós têm’”.

A história contada pelo jornalista Piero fala muito sobre o nível de abertura que a mídia semiestabelecida por vezes tinha em relação aos ativistas. Também ilustra um momento muito interessante onde cai o muro invisível, embora tangível, que normalmente separa os produtores e consumidores de mídia. O jornalista da mídia semiestabelecida teve a oportunidade de escrever um artigo em conjunto com uma parte de sua audiência, que era ao mesmo tempo parte de sua fonte de notícias. Além disso, os ativistas tiveram a oportunidade de entrar em uma redação e observar como o artigo jornalístico foi concebido. Ademais, eles contribuíram com a escritura do artigo, se transformando em produtores de mídia.

Em terceiro lugar, alguns jornalistas também participaram da produção de alguns textos da mídia alternativa. Nestes casos, a interação entre ativistas e jornalistas foi em certa medida revertida, no sentido em que os ativistas empregaram jornalistas como especialistas em questões contenciosas específicas e, portanto, pediram a eles que contribuíssem com os debates, ampliassem os problemas sociais e analisassem as mobilizações. Este tipo de troca pareceu um tipo usual e estabelecido de interação, como explicou Manuela ao falar sobre a rádio alternativa em que estava envolvida:

“Aqui na estação de rádio fazemos isso com muita frequência. Existem jornalistas que são mais ou menos significativos para o que você está dizendo. Desde o correspondente do manifesto, que vive em Jerusalém e que também tem sido nosso correspondente por anos, até um

outro jornalista que pode falar sobre um monte de coisas, mas que nós muitas vezes convidamos para falar sobre direitos autorais e digitais”.

São duas as razões para usar jornalistas empregados na mídia semiestabelecida como especialistas dentro da mídia alternativa. Mesmo que a mídia semiestabelecida como um todo seja percebida frequentemente como uma aliada controversa, interações entre um jornalista e um movimento social específicos podem ser planejadas e gerar bons frutos. Em tais casos, um ponto de vista político em comum e quadros interpretativos similares sobre problemas sociais, questões contenciosas e sociedades em geral parecem ser a razão para ativistas pedirem aos jornalistas o fornecimento de análises e comentários de autoridade na mídia alternativa. Ter os mesmos pontos de vista políticos não foi suficiente em si mesmo: jornalistas adquiriram o status de especialistas por causa da natureza de sua profissão, que lhes dá uma compreensão mais abrangente dos problemas sociais abordados pelos ativistas. Uma questão particularmente complexa foi aquela ligada à reforma da educação pública, desafiada durante as mobilizações contra o *Ddl Moratti*. Estudantes universitários vivenciaram diariamente os resultados de reformas anteriores da educação pública, as criticaram e foram capazes de construir reflexões sobre suas condições de vida como estudantes universitários. No entanto, eles podiam pedir análises técnicas e comentários especializados dos jornalistas, como explicou Andrea:

“Há uma jornalista que, a cada ano, estuda todas as propostas de reforma de escolas e universidades, devido ao seu trabalho e ao setor que ela acompanha para seu jornal. Nós muitas vezes a entrevistamos, já que ela é uma fonte de informação para nós. Muitos de nós... quase todos nós não temos o tempo e, talvez, as habilidades necessárias para entender uma lei”.

Nesse caso, jornalistas trabalhando na mídia semiestabelecida foram reconhecidos como importantes fontes de notícias por seu conhecimento técnico especializado, que muitos ativistas não desenvolveram. Eles foram usados para aprofundar e fortalecer todos os motivos por trás das mobilizações. Os jornalistas, além disso, podem também ser

usados para produção de textos da mídia independente diretamente relacionados a um protesto em particular, como explicou Nadia:

“Há uma relação muito estrita entre nossos jornalistas e a rádio dos movimentos, então nós interferimos, eles nos contam coisas, e eles nos pedem dizer as coisas. Também fazendo algumas correspondências. [...] já que as manifestações são muitas vezes em Roma e talvez eles não tenham a possibilidade de ter alguém em Roma, eles pedem um correspondente. Então você faz a correspondência, passa o celular para alguém, deixo vocês falarem com aquele ou aquele outro, e depois você faz um relatório normal”.

Os ativistas usaram as habilidades profissionais de jornalistas amigáveis para reportar os protestos que não poderiam cobrir. Esta seção mostra que a mídia semiestabelecida é um lugar onde interações entre ativistas e jornalistas podem resultar na inobservância de limites entre as diferentes categorias de organizações e veículos midiáticos e a separação usual entre produtores e consumidores de mídia. Também ilustra que a distinção entre o papel do ativista e o papel do jornalista é frágil e subjetiva.

5. A NATUREZA POLÍTICA DA MÍDIA SEMIESTABELECIDADA

Os achados propostos nas seções anteriores podem ser discutidos mais profundamente considerando a mídia semiestabelecida como um ator na intersecção entre jornalismo e política. Esta intersecção se refletiu nas posições específicas de jornalistas individuais, que muitas vezes compartilhavam a mesma orientação política com os ativistas também por razões biográficas, como salientou Nadia:

“Nós temos uma experiência política, então claramente também há relações pessoais em jogo, e eu acho que isso é verdade para todos, não só para o meu jornal. Aqueles que têm experiência política são aqueles que você conhece, e depois, com o passar dos anos, você fortalece [esses relacionamentos] e, para além dos laços pessoais e amigos [...] você continua a se referir a eles, e talvez eles te deem os contatos de outras pessoas”.

Um passado comum de participação política criou laços sociais que formaram o ponto de par-

tida para a construção de uma rede de relações entre ativistas e jornalistas. Os últimos, em particular, mantiveram contato com outros ativistas por conta de seus laços sociais anteriores, enraizados em suas atividades passadas como ativistas. Eles também estabeleceram novos laços, com ativistas anteriormente desconhecidos, mas considerados fontes valiosas de informação. A dimensão relacional nestas redes parece ser uma forte confiança mútua, que tanto ativistas quanto jornalistas simpáticos à causa consideraram extremamente importante. A natureza política desta rede e a criação de uma atmosfera de confiança não garantiu, contudo, os desenvolvimentos de planos e interações não contenciosas entre ativistas e jornalistas. Ativistas muitas vezes consideraram a mídia semiestabelecida como atores que interviam ativamente na elaboração de discursos sobre as mobilizações. Como explicado por Nadia, este era um problema normal a ser enfrentado:

“Com os movimentos, o problema é sempre em relação a quem recebe mais espaço e por que se dá mais espaço para alguém e menos para outra pessoa. Porque de certa forma parece que você assumiu a linha política de uma pessoa ou de um grupo. As controvérsias são sempre sobre isso, enquanto que aquelas menos políticas, digamos, acontecem quando você não dá espaços a certas iniciativas. É claro que quando uma mobilização está ocorrendo eles gostariam que você escrevesse sobre todas as assembleias, todos os piquetes, todas as coisas que eles fazem. Enquanto você tem apenas “curtas”, apenas “lembretes”, e eles te dizem: ‘você deveria ter feito coisas maiores’, ‘você devia ter se interessado mais nisso’, ‘você não estava atento, não nos seguiu’. Isso acontece comigo com frequência, porque eu sempre me pergunto ‘o leitor está interessado nisso?’ Porque, você sabe, quando se escreve sobre essas manifestações, [...] você sempre corre o risco de escrever para aqueles que a fizeram”.

Esta citação ilustra de forma bastante exaustiva o ponto de vista daqueles jornalistas simpáticos à causa, muitas vezes culpados por não terem dedicado espaço o suficiente para as mobilizações. Aqui, o que estava em jogo era uma complexa mistura de valores de notícias – o que o leitor realmente quer saber – e restrições relacionadas ao processo de fabricação de notícias – ou seja, a falta de espaço dentro do jornal – o que poderia também ser interpretado como um

reflexo do que a mídia como um todo pensa sobre determinados protestos.

Como notado acima, no entanto, o fato de a mídia semiestabelecida estar posicionada na intersecção do jornalismo com a política também levou a uma cobertura midiática tendenciosa, que foi vista como um problema pelos grupos ativistas de base. Isso certamente foi verdade para o *Liberazione*, ligado ao PRC, mas aparentemente também para o *il manifesto*, publicado por uma sociedade cooperativa independente. Falando sobre o *Liberazione*, por exemplo, Sandra explicou que:

“O *Liberazione* deu espaço [à Euro Mayday Parade], porque nós estávamos em uma fase anterior a esta. No sentido em que o Refundação não estava no governo, e o Refundação, desde Gênova [a manifestação anti-G8 em julho de 2001], sempre tentou colocar suas cores no movimento. Ele sempre se posicionou como o partido dos movimentos, sempre permanecendo neste jogo de violência versus não-violência. Na verdade, o *Liberazione* publicou artigos em que havia uma narração, um relato do que estava nas ruas e, em seguida, em vez disso, publicou artigos que denunciavam e atacavam aquelas ações diretas ocorrendo dentro da *Euromayday*”.

A mídia semiestabelecida como a voz direta de atores políticos; partidos políticos, no caso do *Liberazione*. Como consequência, os ativistas perceberam a cobertura midiática como um reforço a posições de atores políticos predeterminados no nível discursivo, e como apoio seletivo a mobilizações em que estes mesmos atores políticos estão envolvidos, reforçando seus quadros específicos de ação coletiva. Maya, por exemplo, observou que a Euro Mayday Parade não foi coberta no início, e que a mídia semiestabelecida “começou a impulsionar o Mayday quando ele foi tomado por partidos políticos, não quando era apenas reconhecida no nível social”. Não bastava, portanto, para os ativistas destacar um problema social relevante, a precariedade, e atores sociais relevantes, os trabalhadores precarizados, para obter cobertura na mídia semiestabelecida. Era necessário que um ou mais atores políticos convencionais entrassem na rede de relações que sustentava as mobilizações.

Em alguns casos, os ativistas consideraram a

mídia semiestabelecida como um ator político no sentido estrito, e, portanto, percebiam suas identidades políticas fortes como o principal obstáculo para ganhar reconhecimento. Falando sobre a manifestação contra o *Ddl Moratti*, por exemplo, Mario salientou que, nestes veículos de mídia,

“não há nada além de uma franca troca política. Ou seja, vocês organizam agitações contra o governo Berlusconi e nós seguimos. E na verdade, foram eles que nos seguiram no último período do movimento. Você coloca a auto-organização em prática e assim por diante, e nós te consideraremos também no movimento (movimentisti). [...] em nossas relações com certos tipos de imprensa ocorreu um relacionamento mais político”.

Nesta citação, Mario sublinha que o desenvolvimento de mobilizações de base, o que ele chama de “práticas de auto-organização”, não se encaixa no ponto de vista político do canal de mídia semiestabelecida em questão. O fato de estarem às margens da arena política, e de criticarem os atores políticos mais convencionais através da adoção de diferentes padrões organizacionais, baseados mais na participação do que na representação, levou a um reconhecimento parcial das mobilizações contra a precariedade. Nesta linha, Mario afirmou que o relacionamento com a mídia semiestabelecida era frequentemente “político”, significando que clivagens políticas relacionadas à forma e ao conteúdo dos protestos desempenharam um papel no reconhecimento de grupos de movimento social de base que expressassem fortes críticas às democracias representativas. Eles não se sentiam representados por atores políticos convencionais, como os sindicatos tradicionais e os partidos políticos de esquerda, visando representar suas próprias reivindicações e demandas sem qualquer mediação política institucional. As mobilizações contra a precariedade, portanto, puseram os processos democráticos representativos em questão e, por conseguinte, também o papel da mídia semiestabelecida, que frequentemente representa os pontos de vista de atores políticos convencionais. Por esta razão, grupos de movimento social de base tiveram dificuldades na obtenção de cobertura da mídia semiestabelecida.

6. CONCLUSÕES

A mídia semiestabelecida ocupa uma posição intermediária num contínuo ideal que vá de mídia tradicional à alternativa. A literatura sobre mídia e movimentos sociais não estuda esta categoria de organizações midiáticas, a despeito de sua relevância para os atores dos movimentos sociais, especialmente em países onde o paralelismo entre a esfera política e a jornalística é intenso. Este artigo exploratório visa preencher esta lacuna na literatura, analisando a relação entre a mídia semiestabelecida e os grupos do movimento social de base que promovem mobilizações relacionadas ao âmbito trabalhista na Itália.

Os ativistas sublinharam a existência de perspectivas políticas claras e fortes na mídia semiestabelecida, que a tornou uma aliada controversa. Estando os atores sociais na intersecção do jornalismo com a política, a mídia semiestabelecida progressista foi, com frequência, um espaço de interação colaborativa entre jornalistas e ativistas em geral, baseada num alto grau de confiança. Muitos jornalistas tinham sido ativistas em ciclos anteriores de mobilização; muitos ativistas atuaram por vezes como jornalistas durante as mobilizações contra a precariedade. O apoio dos jornalistas à criação de textos de mídia alternativa contribuiu para criar uma continuidade entre os veículos midiáticos alternativos, incorporados ao meio do movimento social, e a mídia semiestabelecida, situada às margens do meio de movimento social. Havia, além disso, uma contínua troca de papéis, por vezes aceita e por outras recusada pelos jornalistas, em nome de sua cultura profissional: os jornalistas tiveram um papel ativo nos estágios preparatórios das mobilizações, e os ativistas contribuíram para a produção de conteúdo a ser publicado pelos veículos de mídia semiestabelecida. A existência de tais funções sobrepostas também levou a interações tensas, expectativas maiores e negociações contínuas entre atores dos movimentos sociais e organizações midiáticas. Mas também sustentou a ativação de práticas auto reflexivas sobre atividades do movimento social, para os ativistas, e sobre o processo de criação de notícias, para os jornalistas. Em geral, o artigo ilustra algumas dinâmicas que ocorrem na intersecção do jornalismo com a política, no caso

específico da imprensa tradicional, apoiando o argumento de que a recente dinâmica movimento-mídia está ligada à emergência de tecnologias de comunicação e informação. Tais dinâmicas, como a indefinição dos limites entre jornalistas e ativistas, entre produtores e consumidores de mídia, não são completamente novas; de fato, podem também ser identificadas quando se investiga a relação entre ativistas e mídias jornalísticas análogas, como os jornais.

Este artigo também ilustra que o uso da mídia semiestabelecida como uma lente analítica não pode ser aplicado a um conjunto estático e imutável de veículos de mídia: devido ao fato de o grau de ‘simpatia’ mudar de acordo com o protesto em questão, e com a maneira na qual os envolvidos em tais mobilizações olham para o ambiente midiático para o qual agem. Ademais, a própria categoria de veículo de mídia tem seu curso de vida próprio no ambiente midiático em que está inserido e em que evolui, como fica evidente quando considerada a trajetória histórica do *il manifesto*: nascido como um veículo alternativo e de contrainformação nos anos 70, hoje em dia é um jornal semiestabelecido da esquerda radical. Em um nível mais abstrato, portanto, explorar e refinar os conceitos sensibilizadores da mídia semiestabelecida nos diz algo sobre a importância da percepção dos atores na análise das dinâmicas entre movimento-mídia: embora seja difícil, se não impossível, afirmar que um número fixo e estáticos de mídias semiestabelecidas existem em um dado ambiente midiático, este artigo mostrou que os ativistas tem em mente uma geografia midiática específica, na qual a mídia semiestabelecida ocupa uma posição importante, embora muitas vezes contestada.

Enquanto lança luz sobre as dinâmicas movimento-mídia na intersecção entre jornalismo e política, este artigo também traz novas demandas de pesquisa. Em primeiro lugar, este artigo enfocou dois veículos impressos de mídia semiestabelecida, deixando de lado outros formatos tecnológicos, como o rádio e a internet. A internet, em particular, parece ser um ambiente tecnológico relevante para as organizações de mídia semiestabelecidas, que poderia levar ainda mais longe a colaboração entre ativistas e jornalistas, e a quebra da divisão usual entre produtores e con-

sumidores de mídia. Mais pesquisas nesta direção são necessárias para desenvolver uma comparação entre tecnologias, desenvolvendo uma tipologia que leve em conta os meios de produção e distribuição desta categoria de mídia semiestabelecida. Em segundo, o conceito de mídia semiestabelecida, como desenvolvido aqui, está incorporado ao sistema midiático e contexto político italianos. Devido à forte ligação entre os poderes econômico e político, a mídia semiestabelecida italiana tem uma identidade política clara e distinta. Por esta razão, tal mídia parece ser especialmente relevante para os atores dos movimentos sociais atingirem segmentos específicos de audiência que já são politicamente receptivos, entre os quais líderes de partidos políticos, sindicalistas tradicionais, jornalistas da mídia tradicional e, é claro, manifestantes em potencial. Pesquisar comparativas entre países são, portanto, necessárias para analisar a relação entre grupos de movimento social e mídia semiestabelecida em países com diferentes estruturas discursivas e oportunidades políticas, como o *Liberation* na França, ou o *Taz* na Alemanha. Tais pesquisas comparativas refinariam a categoria de mídia semiestabelecida no nível conceitual, mas também seriam lentes interessantes para observar as diferentes instâncias de paralelismo político ao redor do mundo. Em terceiro lugar, os poucos estudos existentes sobre o tópico, e este artigo em especial, enfocam atores dos movimentos sociais e mídia semiestabelecida progressistas. Contudo, de maneira similar ao que ocorre com a mídia alternativa (Atton, 2007), existe uma mídia semiestabelecida conservadora, que interage com movimentos sociais conservadores. Mais pesquisas neste sentido são necessárias para entender se algumas das qualidades da mídia semiestabelecida progressista, descritas neste artigo, também estão presentes na mídia semiestabelecida conservadora e, portanto, são devidas a sua posição no ambiente midiático ou se, pelo contrário, estão ausentes ou substituídas por outras qualidades, destarte causadas por diferenças em nível de cultura política.

REFERÊNCIAS

ATTON, Chris. **Alternative Media**. Londres: Sage, 2002.

ATTON, Chris. *Current Issues in Alternative Media*

Research. **Sociological Compass**. 1 (1), 2007, p. 17-27.

BENNETT, Andrew; GEORGE, Alexander L. **Case studies and theory development in the social sciences**. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.

BLAIKIE, Norman. **Designing Social Research: The Logic of Anticipation**. Cambridge: Polity Press, 2000.

BLUMER, Herbert. What is Wrong with Social Theory? **American Sociological Review**. 19 (1), 1954, p. 3-10.

BRINSON, Peter. Liberation Frequency: The Free Radio Movement and Alternative Strategies of Media Relations. **The Sociological Quarterly**. 47 (4), 2006.

CHARMAZ, Kathy. Grounded Theory: Objectivist and Constructivist Methods. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. Londres: Sage, 2000, p. 509-535.

CHARMAZ, Kathy. Introduction: Grounded Theory Research - Methods and Practices. In: BRYANT, Antony; CHARMAZ, Kathy. **Handbook of Grounded Theory**. Londres: Sage, 2007.

CHARMAZ, Kathy. Constructionism and the Grounded Theory Method. In: GUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, James A. **Handbook of constructionist research**. Nova Iorque: The Guildford Press, 2008, p. 397-411.

COULDRY, Nick; CURRAN, James. Contesting media power: alternative media in a networked world. **Critical media studies**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2003.

DAGRON, Alfonso Gumucio. The Long and Winding Road of Alternative Media. In: DOWNING, John D.; MCQUAIL, Denis; SCHLESINGER, Philip; WARTELLA, Ellen. **The Sage Handbook of Media Studies**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

DOWNING, John D. **Radical Media: The Political Experience of Alternative Communication**. Boston, MA: South End Press, 1984.

DOWNING, John D. **Radical Media: Rebellious**

Communication and Social Movements. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

ECO, Umberto; VIOLI, Paola. La controinformazione. In: CASTRONOVO, Vittorio; TRANFAGLIA, Nicola. **La stampa italiana del neocapitalismo**. Roma: Editori Laterza, 1976.

ELLIOT, Philip; HALLORAN, James D.; MURDOCK, Graham. **Demonstrations and communication: a case study**. Harmondsworth: Penguin, 1970.

FERREE, Myra Marx; GAMSON, William A.; GERHARDS, Jürgen; RUCHT, Dieter. Shaping abortion discourse: democracy and the public sphere in Germany and the United States. **Communication, society, and politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

GAMSON, W. A.; WOLFSFELD G. Movements and Media as Interacting Systems. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**. 528, 1993, p. 114-125.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching: Mass media in the making and unmaking of the New Left**. Berkeley, CA: University of California Press, 1980.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm L. **Awareness of dying**. Chicago: Aldine, 1965.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. Chicago: Aldine, 1967.

GOZZINI, Giovanni. **Storia del Giornalismo**. Milão: Bruno Mondadori, 2000.

GRACE, Tony. The Trade Union Press in Britain. **Media Culture & Society**. 7 (2), 1985, p. 233-255.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. Comparing media systems: three models of media and politics. **Communication, society, and politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MCCURDY, Patrick. Theorizing "Lay Theories of Media": A Case Study of the Dissent! Network at the 2005 Gleneagles G8 Summit. **International Journal of Communication**. 5, 2011, p. 619-638.

MOLOTCH, Harvey. Media and Movements. In: MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. **The Dynamics of Social Movements**. Cambridge, MA: Winthrop Publishers, 1979.

FRIESE, Susanne; THOMAS, Muhr. **User's manual for Atlas.ti 5.0**. Berlin: Scientific Software Development, 2004, vol. 2.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. [s.l.]: Sage, 1990.

RODRIGUEZ, Clemencia. **Fissures in the mediascape: An international study of citizens' media**. Creskill, NJ: Hampton Press, 2001.

RUCHT, Dieter. Global Justice Movements and the Mass Media: Conceptual Reflections and Empirical Findings. In: OLESEN, Thomas. **Power and Transnational Activism**. Londres: Routledge, 2010.

SNOW, David A., TROM, Danny. The case study and the study of social movements. In: KLANDERMANS, Bert; STAGGENBORG, Suzanne. **Methods of social movement research**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

SPARKS, C. The working-class press: radical and revolutionary alternatives. **Media Culture & Society**. 7 (2), 1985, p. 133-146.

MEYER, Michael; TITSCHER, Stefan; VETTER, Eva; WODAK, Ruth. **Methods of text and discourse analysis**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

WEISS, Robert S. **Learning from strangers: the art and method of qualitative interview studies**. Nova Iorque: Free Press, 1994.

Recebido_21 de julho de 2017.
Aprovado_17 de agosto de 2017.